

## PLATÃO E A PÓS-VERDADE: Vivemos em uma caverna moderna?

Cleudo Melo Araujo<sup>156</sup>

### Resumo

Platão, filósofo grego da antiguidade, é conhecido pelos seus diversos e ricos diálogos. Por meio deles, o ateniense desenvolveu sua filosofia percorrendo as mais diversas searas do conhecimento. Dentre suas inúmeras obras, destaca-se *A República*, na qual ele desenvolveu a sua notável Alegoria da Caverna, retratando um cenário imaginário que representaria a preponderância do conhecimento racional sobre as crenças vulgares. Amplamente revisitada durante a história, tal narrativa, ainda hoje, possibilita diferentes interpretações, demonstrando a riqueza e atualidade da filosofia platônica. Diante do atual cenário de pós-verdade em que vivemos, o mito de Platão poderia nos trazer algumas soluções e possibilidades? Alguns elementos comuns às duas paisagens nos sugerem uma resposta afirmativa. O objetivo desse artigo é delinear tais semelhanças e oferecer reflexões acerca do problema.

**Palavras-chave:** Platão; Alegoria da Caverna; Conhecimento; Pós-verdade.

### Abstract

Plato, ancient Greek philosopher, is known for his diverse and rich dialogues. Through them, the Athenian developed his philosophy through the most diverse fields of knowledge. Among his many works, *A República* stands out, in which he developed his remarkable Allegory of the Cave, portraying an imaginary scenario that would represent the preponderance of rational knowledge about common beliefs. Widely revisited throughout history, this narrative still allows different interpretations today, demonstrating the richness and timeliness of Platonic philosophy. Given the current post-truth scenario in which we live, could Plato's myth bring us some solutions and possibilities? Some elements common to both landscapes suggest an affirmative answer. The purpose of this article is to outline such similarities and offer reflections on the problem.

**Keywords:** Plato; Allegory of the Cave; Knowledge; Post-truth.

### Introdução

Platão (428 a.C.– 348 a.C.) nasceu na cidade de Atenas, na Grécia, e viveu entre a fase áurea da democracia ateniense e a derrocada da cidade. Presenciou, dessa forma, duas Atenas bastante diversas: a da época de seu nascimento, durante o século de Péricles, com quem Atenas chegara ao apogeu de sua democracia, e a que deixou, por ocasião de seu falecimento, Atenas mergulhada em crise e que findou derrotada, dez anos depois, na Batalha de Queroneia, que efetivou o domínio de Filipe da Macedônia sobre a Grécia. Dessa forma, a vida de Platão coincide, em grande parte, com o declínio do império ateniense.

---

156 Licenciado em Matemática, Advogado, Especialista em Direito Público/Faculdade Guanambi, Mestrando em Filosofia/UFS. E-mail: cleudo\_melo@hotmail.com.

A obra platônica influenciou intensamente a forma de pensar e a cultura ocidentais, devido, dentre outros motivos, à amplitude temática de sua filosofia. Platão conduziu uma nova perspectiva sobre o pensamento por meio do método dialético de investigação: processo que propõe a hierarquização das ideias a fim de apreender a realidade e alcançar a verdade.

O filósofo ateniense clarificou o paralelo entre o mundo sensível – onde os homens habitam – e o mundo inteligível das Ideias – a realidade verdadeira –, que é objeto do conhecimento científico. Na concepção platônica, o homem, habitante único dos dois mundos, deve ser libertado da caverna, sendo trazido do mundo das aparências para o mundo da realidade.

A epistemologia de Platão, possibilitou a identificação de um caminho cognitivo que nos dá acesso ao saber. A busca pelo conhecimento – o qual está num patamar acima das opiniões e sensações – se dá por meio de um processo dialógico e da pesquisa conjunta, permitindo que se desvencilhe o pensamento, das amarras que o prendiam às crenças, possibilitando a liberdade para se argumentar racionalmente em um processo interativo que mira o Bem, mas jamais alcança o conhecimento perfeito – a *episteme*.

A ideia do Bem, em Platão, pode ser descrita através da passagem de sua obra *A República* (VI, 517c):

[...] quando vista, [a ideia de Bem] deve nos levar à conclusão de que esta é de fato a causa de todas as coisas, de tudo que tem de correto e belo, dando à luz no mundo visível para a luz, e mestra da luz, a si mesma no mundo inteligível *fonte autêntica da verdade e razão*, e qualquer um que agir sabiamente em particular ou público deve tomar vista disso (grifo nosso).

Platão associa a ideia de Bem ao sol; pois, assim como o sol dá, no mundo sensível, a capacidade de ver as coisas sensíveis, o Bem dá, no mundo inteligível, a capacidade de compreender a essência de todas as coisas e de gerar as ideias de tudo o que é.

Sua obra escrita pode ser dividida em quatro períodos, a saber: os diálogos da juventude, da maturidade, os ditos metafísicos e os da velhice<sup>157</sup>. Dentre tais obras, destaca-se *A República*, diálogo pertencente ao período da maturidade do filósofo, composto de dez livros.

A importância de estudar uma obra clássica, tal como *A República*, é explicada nas palavras de Chauí (2002, p. 223) ao escrever que, “uma obra é grande quando, de seu próprio interior, suscita uma multiplicidade de leituras e interpretações criando uma posteridade”. É

---

157 PIETTRE, 1989: p. 20-21.

dentro dessa infinidade de interpretações, de leituras, de observações, de refutações e de comentários suscitados pela obra platônica, que reside a sua riqueza.

Ao se deparar com essa obra, certamente se enganaria, quem julga os livros apenas pelos seus títulos, porquanto esperaria encontrar uma obra de filosofia política somente. Por isso, Pereira (1972) alerta que, “determinadas palavras-chave de *A República* podiam induzir o leitor em erro se não soubesse previamente o que elas significavam no século IV a.C. em geral, e para o autor em particular”. E o título é uma delas: *Politéia*. Quanto à esta, o comentador nos lembra que:

[...] seu sentido etimológico “constituição” ou “forma de governo” de uma *polis* ou cidade-estado. *É tudo o que diz respeito à vida pública de um Estado, incluindo os direitos dos cidadãos que o constituem*. Este aspecto público, comunitário, traduz-se claramente na equivalência que os Romanos deram ao termo, empregando o composto que ainda hoje usamos: república. Não designa, por conseguinte, uma forma de governo determinada, mas todas em geral (PEREIRA, 1972; grifou-se).

Ao intitular como *A República*, Platão estava também fazendo referência na sua obra aos direitos dos cidadãos que compõem um Estado, incluindo-se o direito à formação educacional e o acesso ao conhecimento.

Há, destarte, uma variedade de temas que podem ser observados no interior dessa obra. A teoria política é, por exemplo, assunto dos Livros I, VIII e IX. Nos Livros IV e X destaca-se a psicologia: o primeiro, ao tratar a respeito dos elementos da alma; e o segundo, ao apresentar provas de sua imortalidade. A teoria das Ideias tem um importante papel nos Livros VI e VII. É especificamente no Livro VII que concentraremos nossa atenção, sobretudo na clássica passagem da Alegoria da Caverna.

## **A Alegoria da Caverna e a pós-verdade**

A referida passagem relata um diálogo entre Sócrates, personagem constante nas obras platônicas, e o seu interlocutor, Glauco.

Sócrates propõe a Glauco que imagine homens com algemas nas pernas e no pescoço desde a infância, vivendo numa habitação subterrânea em forma de caverna. Eles ali vivem sem poder mover a cabeça, nem se locomover, forçados a olhar apenas em frente, e sem nunca terem visto o mundo exterior nem a luz do sol. Apenas um fogo que está atrás deles serve-lhes de iluminação. Entre a fogueira e os prisioneiros, há uma via ascendente e, ao

longo dessa, um muro, ao lado do qual passam pessoas transportando objetos de todos os tipos, como diz Sócrates a Glauco:

Visiona também ao longo deste muro, homens que transportam toda espécie de objetos, que o ultrapassam: estatuetas de homens e de animais, de pedra e de madeira, de toda a espécie de labor; como é natural, dos que os transportam, uns falam, outros seguem calados (PLATÃO, 2003).

Glauco acha estranha tal cena e tais prisioneiros de que Sócrates falava, mas este lhe responde que eles são como nós. Por não poderem ver os objetos, forçados que são a manter a cabeça imóvel, os prisioneiros apenas contemplam suas sombras projetadas pela luz do fogo na parede em frente a eles. Se eles pudessem, então, conversar uns com os outros, quando indicavam o que viam, considerariam aqueles objetos que nomeavam como reais.

Quanto ao eco vindo da parede que está em frente a eles, observa Sócrates, seria interpretado pelos prisioneiros como sendo a voz oriunda das sombras, ou seja, quando algum dos carregadores de objetos falasse seria como se a sombra projetada na parede estivesse falando. O que os prisioneiros julgariam então ser a verdade? As sombras desses objetos. Uma vez que estão totalmente concentrados na contemplação das sombras, os prisioneiros imaginam que as projeções sejam a verdadeira realidade, tomando-as por objetos reais. Como se pode perceber, suas existências são, pois, inteiramente dominadas pela ignorância.

O que aconteceria se esses prisioneiros fossem libertados dos grilhões, da prisão em que se encontravam e restabelecidos de seu estado de ignorância? Supondo que um desses prisioneiros fosse solto das algemas e obrigado a olhar para os lados, a andar e a contemplar a luz, tal ação lhe causaria sofrimento e dor, e o ofuscamento inevitável não lhe permitiria olhar diretamente para os objetos, acostumado que estava a ver apenas sua sombra. Como nos é relatado:

Logo que alguém soltasse um deles e o forçasse a endireitar-se de repente, a voltar o pescoço, a andar e a olhar para a luz, ao fazer tudo isso sentiria dor, e o deslumbramento impedi-lo-ia de fixar os objetos cujas sombras via outrora (PLATÃO, 2003).

Sentindo dor, sofrimento e com a vista totalmente ofuscada, desejaria o prisioneiro voltar para o interior da caverna a fim de buscar proteção nos objetos para os quais conseguia olhar, considerando-os mais claros e nítidos. Mas, na Alegoria, o prisioneiro é arrancado à força e obrigado a subir um caminho árduo, doloroso, e, impedido de fugir, é forçado, empurrado, arrastado até à luz do sol. A princípio, nada pode ver, pois é cegado pela intensa

claridade, tendo os olhos ofuscados até se habituarem a ela. Este também é um caminho cheio de obstáculos e gradual:

Em primeiro lugar, olharia mais facilmente para as sombras, depois disso, para as imagens dos homens e dos outros objetos, refletidas na água, e, por último, para os próprios objetos. A partir de então, seria capaz de contemplar o que há no céu, e o próprio céu, durante a noite, olhando para a luz das estrelas e da Lua, mais facilmente do que se fosse o Sol e o seu brilho de dia. [...] Finalmente, julgo eu, seria capaz de olhar para o Sol e de o contemplar, não já a sua imagem na água ou em qualquer sítio, mas a ele mesmo, no seu lugar (PLATÃO, 2003).

Depois de observar tudo isso, o prisioneiro que foi solto, ao recordar-se de sua habitação anterior, de seus companheiros de cárcere e da ignorância que lá se cultivava, alegrar-se-ia com a mudança por ele vivida, mas lastimaria a situação daqueles que ainda se encontravam prisioneiros das sombras. Quanto aos elogios e recompensas conferidos àqueles que fossem capazes de identificar de forma mais precisa as sombras dos objetos que passavam, e lembrar com mais exatidão das que viram antes e aos louvores concedidos àqueles que estivessem mais aptos a antever acontecimentos e que, dessa maneira, conseguiram glória e poder, nada disso lhe causaria inveja e ciúme desses seus antigos companheiros. Diria que preferiria “servir junto de um homem pobre, como servo da gleba, e antes sofrer tudo, do que regressar àquelas ilusões e viver daquele modo” (PLATÃO, 2003).

E prossegue, então, Sócrates pedindo para Glauco imaginar que, se tal homem retornasse à caverna, para o mesmo lugar donde saíra, teria seus olhos ofuscados agora pelas trevas, uma vez que bruscamente volveu da luz do sol para as sombras. Se esse homem tivesse que competir com aqueles que lá permaneciam prisioneiros, no sentido de julgar as sombras, e ainda com a visão obscurecida pelas trevas, devido ao pouco tempo que tivera para a elas se adaptar, seria zombado pelos prisioneiros, os quais diriam que ele arruinara a visão no percurso feito em direção ao mundo superior, de modo que não valeria a pena empreender tal ascensão. Assim, os prisioneiros optariam por continuar algemados no interior da caverna, sem ter acesso ao conhecimento pleno. E o destino de quem tentasse libertá-los de sua condição de escravos poderia ser a morte: “E a quem tentasse soltá-los e conduzi-los até acima, se pudessem agarrá-lo e matá-lo, não o matariam?”, indaga Sócrates. “Matariam, sem dúvida”, confirma Glauco (*A República*, VII, 517a).

Ao finalizar a Alegoria, o próprio Platão faz a sua interpretação da estória. A morada cavernosa é a representação para o domicílio que, diariamente, se mostra ao olharmos em volta. A fogueira que brilha acima dos moradores da caverna é a representação para o sol. A abóbada da caverna representa a abóbada celeste. Sob essa abóbada, dependentes da terra e a

ela ligados, vivem os homens. O que os rodeia e lhes serve diariamente é, para eles, a verdade. Nesta morada subterrânea sentem-se no mundo e em casa. E encontram segurança nisso.

As coisas que estão fora da caverna, à luz do dia, onde uma vista aberta de tudo se oferece, ilustram, na Alegoria, as Ideias – entidades perfeitas, eternas e imutáveis às quais teríamos acesso unicamente através da razão. Segundo Platão, se o homem não tivesse em vista a respectiva Ideia das coisas, dos seres vivos, das pessoas, dos números e dos deuses, nunca poderia apreender isto ou aquilo como casa, árvore ou deus, por exemplo. Geralmente, a pessoa pensa que vê diretamente essa casa, aquela árvore e, do mesmo modo, qualquer ente. De início, e na maior parte das vezes, o homem não suspeita de que vê sempre e somente representações sensíveis das Ideias tudo o que para ele vigora, tão fácil e evidentemente, como real.

Embora em muitos casos seja inconsistente, aquilo que nos é próximo, habitual e conveniente nos mantém cativos, dia após dia. A nossa crença acrítica em determinada religião, por exemplo, em muitos casos, não resultou de uma reflexão prolongada e séria sobre ela<sup>158</sup>. Superstições que nos acompanham ou até mesmo aquela teoria da conspiração na qual acreditamos por tão bem explicar determinados fatos da maneira como nos é mais apropriada, são apenas representações mentais, suscetíveis de ser verdadeiras ou falsas<sup>159</sup>. Essa definição, situa a crença na mente do sujeito que acredita, sem uma conexão necessária com a realidade.

Viveríamos, portanto, envoltos em sombras numa caverna moderna? E, por nem sequer reconhecermos essa prisão como tal, consideraríamos a nossa esfera cotidiana sob a abóbada celeste como o espaço da experiência e da capacidade de julgar que dão a única medida de todas as coisas e a única regra para sua organização e arranjo? Seríamos nós, os prisioneiros que optariam por continuar algemados no interior da caverna, sem terem acesso ao conhecimento pleno, preferindo continuar acreditando em crenças não necessariamente válidas? O homem da caverna, apegado à sua opinião, nem sequer pode pressentir a possibilidade de que o seu real possa ser apenas sombra.

Tal interpretação, no entanto, não esgota o conteúdo da alegoria. Conforme foi dito, a multiplicidade de pontos de vistas para os diálogos platônicos marca a sua característica como filósofo. Nesse sentido, Heidegger relata serem particularmente importantes as passagens da alegoria que nos remetem às transições da caverna para o lado externo e vice-versa

---

158 No diálogo *Eutífron*, Platão apresenta, na forma de dilema, os problemas dessa crença acrítica: “Um ato (ou pensamento) é correto porque Deus o ordenou, ou Deus ordenou esse ato (ou pensamento) porque ele é correto?”

159 Filosofia e Crença [coletânea de textos], p. 10.

(MAMAN, 2005). Tais transições retratariam o processo de libertação das nossas crenças – que podem ser válidas ou não – e o acesso ao conhecimento que, segundo Platão, é uma “crença verdadeira justificada” (*Teeteto*, 201c), ou seja, temos conhecimento quando nossas crenças estão firmemente ligadas, atadas, encadeadas à realidade. Essa conexão, segundo Platão, é a justificação – o *logos*.

O primeiro nível deste processo é aquele em que os homens se encontram agrilhoados no interior da caverna e tomando as coisas assim como elas aparecem. A opinião pública ou o senso comum poderiam ser nossos modernos grilhões? Em que nível somos influenciados por reportagens tendenciosas, pesquisas de opinião mal-intencionadas ou por uma explicação superficial de um fato qualquer?

No segundo nível, um dos prisioneiros, após a soltura dos grilhões, encontra-se livre, embora ainda dentro da caverna. Libertado dos grilhões, o homem não encontra a sua liberdade, pois não consegue ainda avaliá-la desde aquilo que faz da sombra o que ela é. Lembremos, neste momento, do método dialético de investigação, proposto por Platão, através do seu marcante personagem Sócrates: por meio de uma hierarquização das ideias, construindo, questionando e refutando hipóteses, a fim de apreender a realidade, poderemos chegar ao *logos*, um relato racional, inteligível, de por que nossa crença é verdadeira.

No entanto, é no terceiro nível que a liberdade de fato é alcançada, pois aquele que foi libertado dos grilhões é posto num espaço livre, fora da caverna, onde tudo se encontra à luz do dia e, por isso mesmo, as coisas aparecem em seu verdadeiro aspecto. Neste ponto, é válido lembrarmos que o prisioneiro foi arrancado à força e obrigado a subir um caminho árduo, fato este que lhe causou dor e sofrimento.

O processo de aprendizagem, de libertação constante do nosso estado de ignorância, o desapego às crenças sem embasamento, exige de nós esforço, dedicação, resiliência e um espírito abnegado. Todo esse processo pode nos causar um certo desconforto, pois estaremos remexendo nos nossos “escaninhos mentais”, estruturas nas quais construímos justificativas para endossar crenças que, em sua gênese, são incompatíveis com a realidade (PILATI, 2018, p. 30).

Ao compararmos o segundo com o terceiro nível, veremos que, se havia grande dificuldade para que o homem libertado dos grilhões pudesse ir ao encontro do lume de fogo que o possibilitaria, com essa atitude, ver os limites das sombras no interior da caverna, agora, estando o homem no espaço aberto do exterior da caverna, precisa demandar esforços e perseverar naquilo que se mostra como o mais relevante: as coisas em si mesmas, ou seja, as

Ideias que permitem o acesso ao Bem, ao conhecimento. Esse esforço é conquistado a partir de uma formação educacional crítica, questionadora e que permita e possibilite uma visão e leitura de mundo ampla e plural. Uma educação não apenas instrumental – que ensine técnicas e procedimentos – mas sobretudo de caráter formativo.

Com isso, temos presente aquilo que Heidegger determinou como a relação existente na Alegoria da Caverna entre a formação educacional do cidadão e a essência da verdade (MAMAN, 2005). O processo de formação do homem tem como função possibilitá-lo trilhar o caminho da aquisição do conhecimento de forma partilhada. Essa relação se faz presente de maneira não menos evidente no quarto nível, que é aquele no interior do qual o homem liberto retorna para o interior da caverna com a intenção de conduzir os outros homens para cima.

A tarefa desse homem liberto não é fácil, pois ele se encontra no risco de perder-se no interior da caverna pelo simples motivo de ser atraído, puxado pela verdade que aí ainda vive e serve de medida para todos que ali se encontram. Outro risco corre ainda ele, que é aquele relacionado à revolta dos que acreditam que o que serve de medida no interior da caverna é o que aparece para eles como o mais evidente, de modo que o homem liberto está ameaçado pela possibilidade de ser morto.

### **Uma caverna moderna?**

Quem poderia imaginar que estaríamos hoje discutindo se a terra é ou não é plana? Quem imaginaria que teorias científicas já amplamente aceitas na comunidade especializada seriam atualmente postas em xeque por *youtubers* ou demais influenciadores digitais? Quem ousaria pensar que um vermífugo estaria sendo considerado uma das soluções para uma doença de origem viral? A tarefa do atual homem liberto, que queira “retornar à caverna” para emancipar os prisioneiros dos grilhões das crenças injustificadas ou da influência das chamadas *fake news*, por exemplo, também não seria nada fácil.

Segundo Pilati (2018), os sistemas sociais, por meio de fenômenos como influência social e conformidade, são os mecanismos mais poderosos que existem para o estabelecimento, a manutenção e a transmissão de crenças para diferentes gerações. Conformidade é o processo pelo qual nosso comportamento é determinado pelas circunstâncias sociais nas quais vivemos.

O que você diria caso alguém lhe dissesse que antes via só vacuidades e que agora, pelo contrário, vê justamente algo mais próximo da realidade, estando virado para uma

realidade maior? Certamente você ficaria desconfiado e diria que as coisas que via antes eram mais verdadeiras do que as que lhe indicam agora. Aqui, parece ser importantíssimo o realce psicológico da Alegoria, que mostra a reticência de cada um de nós em aceitarmos uma nova crença, mesmo quando esta possui evidências de relação com a realidade, pelo receio de termos de contestar crenças antigas e bem arraigadas, com as quais vivíamos confortavelmente e muitas vezes serviam de justificativa para comportamentos habituais. Seríamos, nesse momento, como o prisioneiro desejoso de voltar ao interior da caverna a fim de buscar proteção nos objetos para os quais conseguia olhar, considerando-os mais claros e nítidos. O viés de confirmação é a tendência cognitiva que nós temos de aceitar as informações que dão suporte a nossas crenças e de rejeitar aquelas que as contradizem.

No atual cenário de pós-verdade, aqui entendido como um fenômeno de perda ou diminuição do *logos*<sup>160</sup>, o clássico mecanismo “fatos objetivos + *logos*” é ofuscado pelas técnicas de persuasão, hoje potencializadas pela tecnologia digital. O conhecido caso do disparo de mensagens via *whatsapp*, com sistemas automatizados contratados de empresas, nas últimas eleições em 2018; bem como a dinâmica presente no *twitter* e conhecida como *botnet*, ou rede de robôs, quando perfis atuam de maneira sincronizada, com mesma atuação – um posta e outros retuitam, ou respondem, ou publicam em seguida algo parecido – seriam nossas atuais sombras da caverna (nossas “bolhas cognitivas”) que ofuscam e mitigam a correlação dos fatos com a realidade, reforçando uma narrativa conveniente a determinado espectro político-ideológico e interferindo sobremaneira em nossas vidas.

O conceito de pós-verdade pretende retratar o seguinte cenário epistêmico: temos pós-verdade nas circunstâncias históricas em que as emoções, os desejos e nossas redes de crenças têm mais influência na formação de crenças – individuais e coletivas – do que os fatos objetivos – o antigo farol que orientava em direção à verdade<sup>161</sup>

A psicologia da pós-verdade indica que nossas tendências cognitivas nos levam a acreditar naquilo que desejamos acreditar e não naquilo que os dados – isto é, a parcela da realidade que é objeto de nossa crença – indicam. Francis Bacon chamava isso de “crenças conforme o desejo”<sup>162</sup>. Assim, podemos falar de crenças conforme o desejo, mas também de crenças conforme o ódio, o medo, por exemplo. Ou seja, nós, humanos, tendemos a ter crenças baseadas em nossas emoções.

---

160 Filosofia e Crença [coletânea de textos], p. 34.

161 MENNA, *A Atenas de Sócrates como cenário de pós-verdade*, p. 10.

162 Psicologia da pós-verdade [coletânea de textos], p. 2.

Podemos pensar que é aceitável estarmos tentados a pensar com base em nossos sentimentos, mas é bom lembrar o que Martha Nussbaum nos disse<sup>163</sup>: os nossos sentimentos mais básicos são o medo, a inveja e o ódio, ou seja, eles são ativados primeiro e, assim, são os mais facilmente manipulados pelos formadores de crenças ou influenciadores digitais.

Neste contexto, o exercício constante do método dialético de investigação, proposto por Platão, se mostra de especial relevância. Analisar, contrapor e questionar constantemente nossas crenças, buscando justificá-las com a realidade é processo essencial para nos livrarmos dos grilhões e das sombras contemporâneas, que nos aprisionam a meras opiniões e na aceitação da realidade apresentada apenas pelos sentidos.

### **Considerações finais**

A Atenas da época de Platão provavelmente não possuía um cenário análogo ao atual contexto no qual a pós-verdade está inserida. No entanto, a Alegoria retratada no diálogo platônico certamente possui muitos elementos que podem ser compartilhados com o nosso panorama contemporâneo.

Em passagens de outros de seus diálogos importantes, Platão define como conhecimento a crença conectada à verdade a partir de boas razões e sólidas evidências (*Teeteto*, 201a-c), isto é, a crença tida como verdadeira por estar justificada – ligada, atada, encadeada – à realidade pelo *logos* (relato racional, inteligível) (*Ménon*, 98a).

Tal conhecimento se dá fora da caverna, na realidade exterior, enquanto no interior dela apenas encontramos o engano através da opinião e da aceitação da realidade apresentada pelos sentidos. O pensar, portanto, precisa lançar-se para além das sombras e cópias em direção às Ideias.

Ora, a pós-verdade, que caracteriza nossa época, bem poderia ser reformulada como um fenômeno de perda ou diminuição do *logos*. Abandona-se a conexão com a realidade para considerar-se apenas o campo da crença. Daí compreendemos melhor a definição dada pelo dicionário Oxford, em 2016, que define tal fenômeno como circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes em formar a opinião pública do que os apelos à emoção e à crença pessoal (D'ANCONA, 2018).

---

163 Psicologia da pós-verdade [coletânea de textos], p. 3.

Ao analisar a Alegoria da Caverna e o conceito dado de pós-verdade, podemos perceber que elementos como fatos objetivos, justificação (*logos*), desejos e crenças estão presentes nos dois cenários.

O que seriam as sombras observadas na caverna platônica senão informações ou opiniões fantasiosas que temos acesso por meios de comunicação e redes sociais? As sombras não são a verdade, não proporcionam uma experiência com o mundo real, geram uma falsa sensação de conhecimento e nos deixam apaixonadamente inertes, e por consequência, presos na armadilha do conformismo.

O prisioneiro que se liberta da caverna é aquele que pratica o método dialético de investigação, desprendendo o espírito de toda forma de preconceito, de superstição, de soberba intelectual, percebendo sua ignorância por meio da instilação da dúvida. Evidencia-se, dessa forma, que a crença proveniente da opinião comum ou do mundo das aparências, pode não ter consistência lógica, induzindo muitas vezes ao engano. O prisioneiro liberto é um inconformado com a caverna e com a sua pseudo experiência da realidade.

A luz externa que ilumina o interior da caverna é a experimentação da realidade. Para se chegar a ela, percorre-se um longo caminho, muitas vezes doloroso, de autoconhecimento, desconstrução de preconceitos e rótulos. Chegar a essa luz apenas é possível após a observação do mundo, da realidade, problematizando-a. Então, levantam-se hipóteses e consequentemente experimenta-se cada uma delas para se chegar ao conhecimento, a uma teoria ou lei científica, que terá validade até que se torne incapaz de explicar determinados fatos ou fenômenos, ou até que outro descobrimento comprovado se oponha a ela. A luz exterior é um convite à saída do senso comum. É um convite à uma visão multifocal.

Observa-se que, por meio deste percurso, satisfazem-se as condições para a crucial questão colocada por Platão para o que significaria, exatamente, conhecer: supor uma certa atitude intelectual (crença), que essa crença seja verdadeira e, por derradeiro, que essa crença verdadeira seja justificada.

Para Platão, o objetivo do conhecimento é orientar nossa vida na realidade. Essa orientação só é possível se nossas crenças estiverem conectadas a tal realidade pelo *logos*. Para tanto, a educação exerce fundamental papel no sentido de dar os meios necessários para que cidadãos críticos e leitores do mundo sejam formados e informados para atuarem de maneira consciente e autônoma.

O desvencilhar dos nossos grilhões, a nossa saída das sombras da ignorância e das falsas crenças a caminho do conhecimento deve passar pelo que Stuart Sim chama de

ceticismo engajado, isto é, um sentimento de dúvida de mente aberta e continuamente questionador e investigativo<sup>164</sup>. Sem provas racionais, sem o *logos* platônico, os argumentos devem ser considerados suspeitos.

Em tempos de confinamento social, talvez já venhamos experimentando uma espécie de isolamento que ignora a realidade dos fatos, sobrepujando a eles sensações e crenças injustificadas, nos fazendo considerar nosso espaço de experiência como a única, reta e justa medida de todas as coisas. Uma criticidade responsável e construtiva, portanto, mostra-se essencial para que possamos, ao contrário do prisioneiro que prefere continuar acreditando em crenças não necessariamente justificadas, nos tornar aquele que percorre o caminho da razão em sua busca incansável pelo conhecimento.

Qual prisioneiro optaremos ser?

### Referências bibliográficas

CASERTANO, Giovanni. *Uma introdução à República de Platão*. Trad. Maria das Graça Gomes de Pina. São Paulo: Paulus, 2011.

CHAUÍ, Marilena. *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. 2ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras, v.1, 2002.

D'ANCONA, M. *Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news*. Trad. Carlos Szlak. 1ª ed. Barueri: Faro Editorial, 2018.

MAMAN, J. A. *Martin Heidegger a doutrina de Platão sobre a verdade*. Revista Da Faculdade De Direito, Universidade De São Paulo, 100, 335-359. Recuperado de <http://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/67677>, 2005.

MENNA, S. H. “A Atenas de Sócrates como cenário de pós-verdade: persuasão vs. logos nos Diálogos platônicos”.

Apostila Filosofia e crença [coletânea de textos]. São Cristóvão: [s.n], 2020.

Apostila Pós-verdade e consequência [coletânea de textos]. São Cristóvão: [s.n], 2020.

Apostila Psicologia da pós-verdade [coletânea de textos]. São Cristóvão: [s.n], 2020.

PIETTRE, Bernard. *Platão – A República: Livro VII*. Trad. Elza Moreira Marcelina. São Paulo: Ática, 1989.

PILATI, R. *Ciência e pseudociência: por que acreditamos apenas naquilo em que queremos acreditar*. São Paulo: Contexto, 2018.

PLATÃO. *A República*. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2003.

PLATÃO. *Diálogos I: Teeteto (ou do conhecimento), Sofista (ou do ser), Protágoras (ou sofistas)*. Tradução, textos complementares e notas Edson Bini. Bauru: EDIPRO, 2007.

---

164 Apostila “Pós-verdade e consequência”, p. 12.

PLATÃO. *Mênon*. Texto estabelecido e anotado por John Burnet. Trad. Maura Iglésias. São Paulo: Loyola, 2001.